

Laissez faire laissez passer.\*

1 O neoliberal neoliberal: de tanto neoliberal o neoliberal neoliberal-se de neoliberalar tudo aquilo que não seja neo (leo) libérrimo: o livre quinhão do leão neoliberal a corvéia da ovelha.

2 O neoliberal neodelibera o que neoliberal para os não-neoliberalados: o labeu? o libelo? a librê do lacao? a argola do galé? o ventre-livre? a morte livre? a bóia-rala? o prato raso? a comunhão do atraso? a ex-comunhão dos ex-clusos? o amanhã sem fê? o café requentado? a queda em parafuso? o pé de chinelo? o pé no chão? o bicho de pé? a razão da ralé?

3 No céu neon do neoliberal anjos-yuppies bochechas cor-de-bife privatizam a rosácea do paraíso de dante enquanto lancham fast-food e super (visionários) visam

com olho magnânimo as bandas (flutuantes) do câmbio: enquanto o não -neoliberalado como pão com salame (quando come) ele dorme sonhando com torneiras de ouro e a hidrobanhadeira cor de âmbar de sua neo-mansão em miami.

4 O centro e a direita (des)conversam sobre o social (questão de polícia): o desemprego é um mal conjuntural (conjuntura) pois no céu da estatística o futuro se decide pela lei dos grandes números.

5 O neoliberal sonha um mundo higiênico: um ecúmeno de ecônomos de economistas e atuários de jogadores na bolsa de gerentes de supermercado de capitães de indústria e latifundiários de banqueiros -banquiplotos ou banquirruenos (que importa? desde que circule auto-regulante o necessário

plusvalioso numerário) um mundo executivo de mega-empresários duros e puros mós sem dó mais atentos ao lucro que ao salário solitários (no câncer) antes que solidários: um mundo onde deus não jogue dados e onde tudo dure para sempre e sempremente nada mude um confortável estável confiável mundo contábil.

6 (a contramundo o mundo-não -mundo cão- dos deserdados: o anti-higiênico gueto dos sem-saída dos excluídos pelo deus-sistema cana esmagada pela moenda pela roda dentada dos enjeitados: um mundo-pêsames de pequenos cidadãos-menos de gente-gado de civis subservis de povo-ônus que não tem lugar marcado no campo do possível da economia de mercado (onde mercúrio serve ao deus mamonas).

7 O neoliberal sonha um admirável mundo fixo de argentários e multinacionais terratenentes terrapontes coronéis políticos milenaristas (cooptados) do perpétuo

status quo: um mundo privé palácio de cristal à prova de balas: bunker blau durando para sempre-festa estática (ainda que se sustente sobre fictas palafitas e estas sobre uma lata de lixo).

Circum-lóquio (pur troppo non allegro) sobre o neoliberalismo terceiro-mundista, Haroldo de Campos (Folha de São Paulo, Caderno Mais! de 12.07.98) \* Adam Smith (1723/1790)



Quando se sente bater no peito heróica pancada, deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer...

Quem entra na São Francisco tem mais amor à verdade, pois leva sempre no peito a chama da liberdade.

A moça disse pra outra: com esse eu não me arrisco, pois ele estuda direito no Largo de São Francisco.

A moça que eu namoro e que me quer muito bem, tem um sorriso que encanta, quinhentos contos também! Não sei se é fato ou se é fita, não sei se é fita ou se é fato, o fato é que ela me fita, me fita mesmo de fato!

Eu vi um rio chorando quando te foste banhar, chorava o pobre regato por não poder te levar.

Parece mentira parece mas é verdade patente, a gente nunca se esquece de quem se esquece da gente.

Escola sem es é cola, escola sem cola não há; tirando a cola da escola ninguém vai poder passar!

Muita espécie me causam as tuas roupas, ó prima, são muito altas em baixo, são muito baixas em cima!

Quando eu sai lá de casa meu pai me aconselhou: meu filho nunca se case, seu pai nunca se casou.

Os homens são uns diabos, não há mulher que o negue, mas todas elas procuram um diabo que as carregue!

Qual é a coisa mais bela que existe em nossas Arcadas? É o canto da mocidade que alegre a nossa saudade...

Passou-se um século e meio, cobriu-se o Largo de glória, e a História da Faculdade é a faculdade da História.

Memórias da São Francisco que eu canto com emoção: em cada canto do Largo eu largo meu coração.

Onde é que mora a amizade, onde é que mora a alegria? No Largo de São Francisco, na Velha Academia!...

Trovas Acadêmicas (boral cada par de versos), Coral Academia XI de Agosto, Gestão 1978.

Se a mãe é doçura, o pai é força; se a mãe é carinho, o pai é proteção; se a mãe representa a consecução de bens e de mordomias familiares, o pai é quem socorre nas horas difíceis; se a mãe é renúncia, o pai é sacrifício; o filho, na idade madura, irá sempre se espelhar no proceder de seu pai; é a edificação do exemplo;

já diz o provérbio português: "Casa de pais, escola de filhos"; é um pai um semeador, no campo fértil da inteligência e do horizonte moral e filosófico do filho; e em sendo ele um farol, uma guia, uma luz no caminho do filho, exerce, como a mãe, uma profissão divina, de escultor moral de sua família.

Heraldo José Salcides, Dia dos Pais.

Seleção Guarany Edu Gallo

Palavras da Redação: Viva Nós!

KIDAIAS DE INVERNO

Chuva persistente molhando nossos abraços. Garoa de amor. Ailson Cardoso de Oliveira

No lugar das árvores condomínio de concreto chegou frente fria. Alba Christina

Tapete de flores. Hoje, sob manto de geada, desapareceu. Albertina C. G. dos Santos

Meninos em casa meias quentes no pé goiaba podre. Carlos R. Barbosa de Jesus

A fina garoa em nuvem branca, acompanha as curvas do rio. Cecy Tupinambá Ulhôa

Sombriinha empenra capricho da natureza festa da garoa. Clóvis Moreira Santos

Bonsai... Azaléia no peitoril da janela de um otavo andar. Darily O. Barros

Urubus em festa parecem brincar de roda. Farejam carniça. Djalda Winter Santos

Cabelos enrolados em meio a garoa caem os cachos... Edileine B. Lima Pinto

A garoa cai... O tempo aflora a trizeza do rosto molhado. Edmar Japiassú Maia

A noite estrelada, com este frio, não há dúvida: manhá com geada. Eduardo Lopes Vieira

Quão linda azaléia! - Ganhei de amiga nissei. Florada de estréia... Fernando L. de A. Soares

Acho urubu feio, mas, pairando lá no alto, já me causa inveja. Fernando Vasconcelos

A flor azaléia, em diversos tons de cores. Um jardim perfeito! Haroldo Rodrigues de Castro

O jornal avisa: chegou uma frente fria. Busco agasalhos. Helvécio Durso

Geada no campo. No verde plantio, o branco é o manto da morte. Hermoclydes S. Franco

Muita chuva e vento. A frente fria magoa, chegando de súbito. Humberto Del Maestro

Crianças brincando. Geada em país tropical turistas olhando. Joana de Toledo Machado

A noite está fria, o agasalho mata a geada e a menina dorme. João Batista Serra

Na nuvem cinza, fria cidade cimento cor de poluição. Larissa Lacerda Menendez

Urubu na cerca, aguarda lauto banquete: boi ao natural. Leonilda Hilgenberg Justus

Finda a sabatina, cantina só dá boêmio. Prêmio: garoa fina! Luís Koshitiro Tokutake

Caem folhas secas... despindo-se justo quando mais cruel é o frio... M. U. Moncam

Campo de morangos coberto pela geada... As crianças riem! Maria de Jesus B. de Mello

Beleza ao luar... - mesmo à noite percebo - ...das brancas camélias!... Mariemy Tokumu

Caminho descalço. A geada a queimar-me os pés. Coração distante... Olíria Alvarenga

Gotas de geada a vestir de branco os galhos das árvores nuas. Renata Paccola

Ventania súbita. Na alameda envolta em sombra bailam folhas secas. Sérgio Bernardo

Camélias caídas pelo silente jardim gelada manhá. Sergio de Jesus Luizato

Borboleta pousa na azaléia colorida, somando matizes... Santos Teodósio

Kigos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.09.98: Coruja, Dia dos Pais, Pipoca.

Até o dia 10.10.98: Buganvília, Dia da Amazônia, Rã.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra da sação. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

\* Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única 1/2 folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. \* Entregá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (sortatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Qual lança de fogo, o relâmpago atravessa o corpo da noite!... Maria Madalena Ferreira

Pomar de avarento. Garoto cobiça, em vão, laranjas-de-umbigo. José N. Reis

Aguardado cansado... Num bermo quebro o silêncio - Dourado fisdado! Luis Koshitiro Tokutake

É festa no rio. No palco das águas claras, balé de dourados... Ercy M. M. de Faria

Redonda e verdinha carregando seu filhote. Laranja-de-umbigo. Cecy Tupinambá Ulhôa

Relâmpago cai iluminando o infinito. Extase e oração! Edcl Costa

Na mesa, o dourado e na cabeça a lembrança do rio distante. Alba Christina

Laranja-de-umbigo, abacaxi, kiwi, figo. Feira de domingo. Olga Amorim

Laranja-de-umbigo... O vovô cultivou tanto e não viu nascer... Ercy M. M. de Faria

Dourado no anel, luta pela vida! Enfim, salta. Nada. Some! Leonilda Hilgenberg Justus

IPÊS EM FOLHA

A luz do relâmpago clareou o rosto triste do homem sem teto. Leda Mendes Jorge

Um clarão no céu no meio da tempestade; e as casas, sem luz. Renata Paccola

Intenso relâmpago: do encontro entre duas nuvens, um parto de luz. Renata Paccola

Ao amanhecer o sol acende o dourado dos ramos de acácia. Leda Mendes Jorge

Festa de caboclo nos rios do pantanal: - Dourado no anzo! Maria Madalena Ferreira

Céu escuro, flash. Quem terá batido a foto que a chuva revela? Sérgio Serra

Breve esplendor. Entre o susto e a surpresa - relâmpago azul. Teruko Oda

No final da feira encho a sacola de oferta: laranjas-de-umbigo. Sergio de Jesus Luizato

Na cesta de frutas uma laranja-de-umbigo. Briga entre as crianças. Maria Regina Labruciano

Da estrada eu vejo: relâmpagos fotografam cidade sem luz... M. U. Moncam

Súbito relâmpago, revelando a silhueta da cidade ao longe. Maria Regina Labruciano

Após o relâmpago, velas acesas na sala. Cidade às escaras. Olga Amorim

Do ventre da terra nasceu a semente da laranja-de-umbigo... Santos Teodósio

Calado e sem medo entre trovões e relâmpagos segue o cego surdo. Luis Koshitiro Tokutake

Brilha o sol dourado rasgando a cortina cinza da neblina fria... Santos Teodósio

Criança pequena. Uma laranja-de-umbigo pesa em sua mão. Djalda Winter Santos

Laranja-de-umbigo saborosa, sumarenta. Vitamina C. Darily O. Barros

Cobrinhas de luz e as crianças na janela esperando a chuva. Alba Christina

Punhal do relâmpago, na barriga azul do espaço, provoca barulho. João Elias dos Santos

Noite com relâmpago; parece que o céu está explodindo em luz! Leda Mendes Jorge

O SALTEADOR LETRADO

(Dois saltadores entram em cena. O 1º saltador ["Shite"] brandindo uma lança, segue o 2º ["Ado"], que traz na mão arco e flecha.)

Ado: Tu não escaparás, tu não me escaparás!  
Shite: Vai, vai!  
Ado: Tu não me escaparás, tu não me escaparás!  
Shite: Vai, vai!

(Dão a volta pelo palco, repetindo os gritos.)

Shite: Ei?! O que aconteceu?  
Ado: O que foi?  
Shite: Acabou desaparecendo em algum lugar! Para onde tu deixaste escapar?  
Ado: Tu gritaste tanto "vai, vai" às minhas costas que acreditei ser ele alguém da tua família, um parente ou companheiro de bando, sei lá eu, que deixei de atacar!  
Shite: Então, tu ignoras a linguagem dos saltadores!

Ado: O quê?! O que é que eu ignoro?  
Shite: "Vai, vai" significa "vai e pega-o!"  
Ado: Tudo isso aconteceu por causa da tua covardia!

Shite: O quê?! Covardia??  
Ado: Outro dia, quando o benzedor passou pelo alto da montanha, quis aproveitar a ocasião e te disse: "Vamos roubá-lo". Então tu não disseste como agora, "vai, vai" e o deixaste escapar?! Não é?

Shite: Até isso é preciso explicar? Os benzedores trazem, em geral, um búzio na cintura e quando eles o sopram, dizem que seus companheiros acorrem em bandos, por isso disse "vai, vai" e deixei-o escapar!

Ado: Desde que comecei a fazer assaltos contigo, pensando tudo que fizemos até hoje, não tive trabalho que valesse a pena! Por Hachiman-Arqueiro ①, para mim basta! (Joga o arco e a flecha.)

Shite: Tu disseste "por Hachiman-Arqueiro, para mim basta", e jogaste o arco e a flecha no chão. Isto foi para me insultar?

Ado: Se achas que é um insulto, então, que seja!

Shite: Eu também, depois que comecei a andar contigo, até hoje não tive trabalho que prestasse! Por Atago e Hakusan ②, não quero mais saber de ti!

Ado: Tu disseste "por Atago e Hakusan, não quero mais saber de ti" e jogaste a lança no chão. Esta é a tua resposta?

Shite: Se achas que é uma resposta, que seja!  
Ado: Não aguento mais! Quero um duelo!

Shite: Não me vencerás! (Pega a espada e posiciona-se.)

Ado: Vem, vem! (Também faz o mesmo.)  
Ambos: Iiyaa, iiyaa, iiyaa, iiyaa! (Largam suas espadas, pegam-se pelo peito e empurram-se.)

Ado: (Sendo empurrado.) Aaah! Espera um pouco, espera!

Shite: O que há?

Ado: Atrás de mim há um precipício enorme!  
Shite: Ótimo, perfeito para a ocasião! Vou te empurrar e jogar-te lá no fundo!  
Ado: Espera um pouco! Espera! Se cair lá no fundo, não sairei com vida! Vamos brigar lá no meio!

Shite: De fato, será melhor!  
Ambos: (Indo para o meio do palco.) Iiyaa, iiyaa, iiyaa! (Empurram-se.)  
Shite: (Sendo empurrado.) Aaaa! Cuidado! Cuidado!

Ado: O que foi?  
Shite: Atrás de mim há um enorme relvado!  
Ado: Justamente! Isto é ótimo! Vou te empurrar lá dentro!  
Shite: Espera um pouco! Espera! Se eu cair lá dentro, vai doer muito! Vamos lutar no meio!

Ado: De fato, será melhor!  
Ambos: (Indo para o meio.) Iiyaa, iiyaa, iiyaa! (Empurram-se.)

Shite: Ei, escuta-me! Como eu gostaria de mostrar aos passantes uma briga tão varonil, de homem para homem!

Ado: É verdade! Sem espectadores não dá para se ter convicção!

Shite: Bem, o que eu penso é que morrer assim é morrer como um cachorro, portanto, gostaria de escrever antes, para minha mulher e filhos, uma carta de despedidas. O que tu achas?

Ado: Excelente idéia, mas está difícil soltar estes braços, completamente enroscados!

Shite: Eu sei como fazê-lo!  
Ado: Como tu farás?

Shite: Gritaremos três vezes e ao terceiro grito soltaremos tudo!

Ado: Excelente idéia!  
Shite: Então, tu gritarás comigo!

Ado: Entendido!  
Ambos: Iya! Eh!  
Shite: É um!

Ado: É um!  
Ambos: Iya! Eh!  
Ambos: É dois!

Shite: Mais um só! Não me trapaceie!  
Ado: Não trapacearei!

Ambos: Iyaa! Ei! (Separam-se, pulando para trás. Ajoelham-se.)

Ambos: Seu malandro! (Colocam a mão nas suas espadas.)

Shite: Agora, tira a mão daí!

Ado: Tira tu antes!

Shite: Neste caso, façamos ao mesmo tempo!  
Ado: Assim será melhor! (Ambos tiram a mão ao mesmo tempo.)

Shite: Desta forma eu me sinto mais tranquilo!  
Ado: Exatamente!

Shite: Aproxima-te e senta!  
Ado: (Seguindo-o.) Entendido.

Ambos: Ei, ei, yattona! (Sentam-se lado a lado de pernas cruzadas.)

Shite: Não terás um tinteiro?  
Ado: Não, não, não tenho.

Shite: Realmente, tu não pensas em nada!  
Quanto a mim, tudo aquilo que roubo, eu anto

para depois dividir. Por isso, sempre tenho um tinteiro!

Ado: Bem, bem, tu pensas em tudo!  
Shite: Bem, como sou eu que escrevo, és tu que irás escolher as palavras!

Ado: Entendido! O que é que poderíamos escrever...

Shite: O que seria bom...

Ado: Já sei! Escreve: "Se me permitis dirigir-vos algumas palavras..."

Shite: Quando se está prestes a morrer, não é oportuno começar por "se me permitis dirigir-vos algumas palavras"? Pensa mais um pouco!

Ado: Entendido! O que será que iria bem?

Shite: O que iria?

Ado: Já sei! Escreve: "Que a nova primavera vos alegre o coração".

Shite: Quando estamos a ponto de morrer este "que a nova primavera vos alegre o coração" não me parece também conveniente! Bem, bem, então eu irei escrever do meu jeito!

Ado: Será melhor!

(Shite tira de seu bolso interno um papel de carta, faz do leque uma pena e escreve.)

Ado: (Observando-o.) Aaah! Como escreves, como escreves! A tinta salta sobre o papel e ali se retorce toda preta!

Shite: Acabei! Está escrito!

Ado: Hum! O que escreveste?

Shite: Em primeiro lugar, na introdução escrevi "pois, pois".

Ado: Na verdade este "pois, pois" está ótimo!

Shite: "Pois, pois, deixei a casa, pensando que fosse apenas por um instante, fiz assaltos sem nada conseguir tirar das pessoas, acabei discutindo com meu companheiro de trabalho e, sem poder voltar atrás, peguei minha espada..."

Ado: Seu malandro! (Corre e pega a espada.)

Shite: (Deixando a carta no chão, corre e pega a espada.) O que aconteceu?

Ado: Tu não disseste "peguei minha espada..."?

Shite: Isso foi apenas na frase!

Ado: O quê? Na frase?!

Shite: Perfeitamente!

Ado: Neste caso, tu poderias ter me prevenido! Levei um susto enorme!

Shite: Bem, a seguir, é a parte dos lamentos! Tu vais ler comigo! Aproxima-te!

Ado: Entendido! (Sentam-se lado a lado.)

Shite: (Estendendo o papel para Ado olhar o suave trecho de lamúria em versos.) "Peguei minha espada..."

Ambos: "Se o meu destino é morrer aqui, desta forma,

pelos viajantes que sobem e descem, poderás crer que fui pisoteado.

Assim, toma cuidado, sim, cuidado, ao contar nossas proezas,

para as pessoas que quiserem escutar..."

Shite: A carta termina assim! Ah!, quando imagino o efeito que terão os traços do meu pincel, minha mulher, minha filha, meu menino que deixei para trás, eles irão chorar! Ah, que

lástima! (Ambos, com as mãos nos rostos, choram juntos, soltando vozes de lamento.)

Ehen, ehen...

Ado: O que dizes! não é realmente algo de causar dó?

Shite: É verdade, é uma lástima! Eu não tenho mais vontade de morrer

Ado: Eu também não tenho mais vontade de morrer!

Shite: Nesse caso, poderíamos deixar nossa morte para mais tarde, o que achas?

Ado: Excelente Idéia!

Shite: E vamos protelar por quanto tempo?

Ado: Por quatro, cinco dias...

Shite: Mas, não. Quatro, cinco dias é muito pouco! Protela por um pouco mais!

Ado: Então, vamos deixar para daqui a um ou dois anos!

Shite: Um ou dois anos é o tempo de um sonho! Se queres saber o que eu penso, ninguém nos viu neste lugar, assim, basta que tu e eu façamos as pazes, reconciliemo-nos e deixemos de querer morrer. O que dizes?

Ado: Excelente idéia! (Levantam-se meio corpo.)

Shite: Então, vamos voltar cantarolando o que aconteceu!

Ado: Assim será melhor!

Shite: Refletindo, seria uma morte inútil. (Rasga a carta e joga.)

Ambos: (Cantando.)

"Refletindo, seria uma morte inútil, os dois companheiros se reconciliam.

(Voltam-se um para o outro.)

Mesmo assim... (Ficam em pé, distanciam-se e voltam aos poucos, cantando.)

Por pouco não fizeram sua infelicidade,

mão na mão voltam para casa, (Dão-se as mãos.)

em vez de morrer como um cachorro, em vez de morrer como um cachorro".

(Dão uma volta pelo palco separados, dirigem-se um para o outro e terminam de cantar.)

Shite: Ei! Estás me ouvindo?

Ado: O que é?

Ambos: Tu e eu, como salvamos nossas vidas em perigo, teremos uma longa existência pela frente!

Ado: Realmente, ela será longa!

Shite: Quinhentos e oitenta anos!

Ado: Sete vezes!

Shite: (Saindo.) Eis um bom augúrio! Aproxima-te! Aproxima-te.

Ado: (Segue-o.) Entendido, entendido!

Shite: Acompanha-me, acompanha-me!  
Ado: Entendido, entendido!  
(Saem de cena, Shite primeiro.)

① Palavras de juramento feito ao deus do arco e da flecha, Yumi Hachiman.

② Evocação para jura aos deuses Atago Gongen e Hakusan.

Kyogen – O Teatro Cômico do Japão, Sakae Murakami Giroux, Massao Ohno Editor, 1989



Ride, meu filho,  
(pois o tempo passa ouvindo só venturas  
(ou desgraças...  
Genial é a vida  
(de ilusões vaidas espereis nunca a noite  
(sem gozar o dia...  
Ride, meu filho,  
(pois o tempo corre, ide a procura  
(do que nunca morre: o calor dos sonhos  
(de quem principia!  
Ramonaval Augusto Costa, Rogério: de Saudades e Queixumes, 1976

A praça e o teatro a colina e o teatro as festas no teatro.  
Em tudo o que se vê se vê o teatro.  
O teatro é aquilo que se vê o lugar onde se vê o lugar que é visto.  
O teatro é o que se faz como se já estivesse feito.  
De novo, cada vez.  
Renata Pallottini, Epidauro: de Esse Vinho Vadio, 1988

Se os índios mascam coca sabem eles.  
Prefêres Coca-Cola?  
Prefêres o dinheiro?  
Prefêres fazer compras?  
Prefêres a vitória?  
A gente bebe vinho e é bom, de madrugada.  
É o que se pode fazer quando não se pode fazer nada.  
Renata Pallottini, De Madrugada: idem

luz dos passos do meu fuxtrote.  
Ruy Prouença, Se a luz... de A Lua Investirá com Seus Chiffres, 1996  
Amanheceu...  
No primeiro olhar da janela, vejo um novo dia nascer: lindo, límpido, azul.  
Manhã primaveril com perfumes de flores por todo o canto.  
Do sol... A energia revalorante.  
Dos céus...  
A bênção de Deus.  
Sueli Aparecida Teixeira, Um Novo Dia: de Diga lá, Coração, 1995

Este amor crescendo num coração outonal –planto girassóis.  
Renascer no tempo como as flores douradas – pensamento tão bobo!  
Coração insensato que permanece tão jovem – acaso não sabes dos anos vívidos?  
Teruko Oda, Outono: de Estrela Cadente, 1996

Desengonçado, o urubu anda sobre o lixo: companhia do mendigo.  
Eunice Arruda: de Haicai – A Poesia do Kigo, 1995  
Mar de inverno em fúria: os pescadores folgados se juntam no bar.  
Goga, H. Masuda, idem  
Ressaca feroz contemplando o mar de inverno coqueiros, mais nada.  
Teruko Oda: idem

Em pista molhada, entre cortinas de nuvens, derrapa o infinito...  
Sol nascente!...  
Padre Francisco Viana Pires, Rio Madeira às Seis Horas  
Penetram as águas com toda delicadeza no filtro da Terra.  
Vinicius Sauerbronn: de Poesia Budismo Haicai, 1998 (com os nossos agradecimentos à Leda Mendes Jorge e ao Autor.)

Em tudo havia um teatro sempre houve um teatro ali nasceu o teatro.

A vida é muito dura pra se levar a seco.

encontrem meus olhos o V do seu decote

Meninos de rua...  
Entre os contos do vigário – Dia da Criança.  
Teruko Oda, de Nos Caminhos do Haicai, 1993

Troco a presidência da república por um cafunê bem feito.  
Ulisses Tavares, Decreto: de Pega Gente, 1978

Na mata bem verde, o ipê, coberto de flores, é todo beleza.  
Albertina Canedo Gomes dos Santos, (completará noventa anos neste mês!) – Deus há de permitir sim, boa Albertina: florido como esse seu ipê!

Aquele abraço!